

27/9/1984

Governo de São Paulo teme nova explosão social no interior

por M. A Coelho Filho

de São Paulo

O governo do Estado de São Paulo está "preocupado" com uma possível nova explosão social no interior, a exemplo do que aconteceu em Guariba, em maio deste ano. A informação foi prestada pelo secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, que promoveu, inclusive, uma reunião no último dia 17, no Palácio dos Bandeirantes, entre o governador, Franco Montoro, os usineiros e os donos de destilarias para discutir o problema. Na reunião, que segundo Pazzianotto, não "foi conclusiva", várias propostas entraram na pauta de discussão, ficando o governo encarregado de estudá-las melhor.

A convocação dos usineiros de São Paulo ao Palácio teve como objetivo a antecipação dos possíveis problemas que o final da safra de cana normalmente acarreta. Nessa época, que começa ao final de outubro, cerca de 300 mil trabalhadores rurais perdem seus empregos até o início do novo ciclo (maio), sendo que a grande maioria não consegue encontrar uma nova ocupação.

"Na verdade nós temos três fases difíceis, em que as tensões aumentam, principalmente nesse período da nossa história, que são as épocas de início da safra (maio), a de final (outubro) e a da entressafra (março-abril)", destacou o secretário do Trabalho. Conforme Pazzianotto, no final da safra, as principais causas de tensões são justamente a perspectiva de desemprego por tempo prolongado e a constatação de que os preços cobrados não acompanharam o custo de vida.

PROPOSTAS

Os usineiros e proprietários de destilarias de álcool — existem no estado 173 usinas e destilarias — propuseram ao governador, como forma de ocupar a mão-de-obra no próximo período, uma espécie de financiamento para culturas de entressafra. Segundo o secretário do Trabalho, "essa é uma proposta complicada, tendo em vista que esses financiamentos remontam a altas cifras, às vezes muito acima da capacidade do próprio estado".

Outra sugestão, aventada pelos usineiros, foi a da isenção de ICM da cana e do açúcar por um período prefixado, para que se pudesse reverter esse volume de recursos em novas culturas — considerada também pelo governo como de difícil aceitação. De acordo com Almir Pazzianotto, soluções para a ocupação da mão-de-obra na esfera das prefeituras estão sendo estudadas, "principalmente em obras públicas que necessitem de serviço braçal".

BOATARIA

Quanto ao boato que ultimamente andou rondando os corredores do Palácio dos Bandeirantes, de que os usineiros estariam amando-se para enfrentar os bóias-frias em pé de igualdade, o secretário do Trabalho posicionou-se com tranquilidade. "Em primeiro lugar eu não acredito nisso e nem tive informações; em segundo, se estivesse acontecendo seria uma grande bobagem, pois os problemas sociais não se resolvem dessa forma", declarou Pazzianotto.

O secretário lembrou que é necessário subdividirem-se os trabalhadores rurais da cana e do açúcar em três segmentos: os trabalhadores registrados, os cortadores de cana e os migrantes. "Os primeiros trabalham o tempo todo, os segundos, geralmente, voltam às suas

idades de origem depois da safra e os últimos, que são os mais aguerridos, é que causam preocupação por não terem vínculo algum a qualquer região." Buscando verificar como "anda o clima entre os trabalhadores" no interior, Almir viaja hoje para Igarapava e Sales de Oliveira, para ouvir "in loco" as reivindicações.

(Página 7)